

Os farsantes



Por Flávio Aguiar*

Enquanto as farsas se desenrolam, os cadáveres vão se acumulando, a velhice e o futuro vão sendo pisoteados... junto com a razão.

O Corona-Vírus e a situação que enfrentamos nos fazem visitar velhos temas. Velhos livros. Velhos filmes...

Revisitei *La invención de Morel*, novela do argentino Adolfo Bioy Casares, publicada em 1940, que eu lera ainda nos anos 1960. Um fugitivo condenado à prisão perpétua na Venezuela chega a uma ilha no Caribe supostamente deserta e suspeita de ter sido atingida por uma estranha e desconhecida peste. Levado pelas circunstâncias, ele pensa ter conseguido um isolamento perfeito, que o protegerá. Na ilha existem algumas construções misteriosas e abandonadas: um prédio residencial, que ele identifica como “museu”; uma sala de máquinas, frequentemente invadida por marés; uma piscina de águas podres e peixes mortos...

Entretanto, de tempos em tempos aparecem misteriosos visitantes, que o enchem de pânico, pois pensa que podem denunciá-lo. São muitos, mas dois chamam-lhe mais a atenção: um homem maduro, barbudo, vestido como tenista, que parece ser o líder do grupo; e uma jovem, de nome Faustine, que é alvo de tentativas de aproximação do “barbudo”, que é o Morel do título. O perseguido termina se apaixonando pela jovem, embora esta nunca lhe dirija a palavra; sequer parece vê-lo.

Os visitantes mantêm estranhos hábitos, pois fazem sempre as mesmas coisas, dizem sempre as mesmas frases, de tempos em tempos desaparecem e reaparecem, como partidos para e regressados do nada. Para complicar as coisas, mergulham na piscina cujas águas aparecem limpas e sujas, conforme a ocasião; e nos céus convivem dois sóis e duas luas... Bem, quem conhece a história, sabe do que estou falando, e não quero estragar o suspense da narrativa para quem não a conheça. O foco que ponho em pauta é o drama ético que assalta o personagem fugitivo, premido entre desvendar e destruir tudo aquilo ou aderir à pantomima fantasmagórica que presencia dia após dia, semana após semana, adivinhando a tragédia que jaz no bastidor de tudo aquilo.

Não será este o drama que estamos vivendo, presos como fugitivos numa ilha de isolamento que supostamente nos protege da insensatez que presenciamos, tanto pelo Corona-Vírus que nos cerca quanto pelo Bolso-Vírus que nos assalta cotidianamente com as mesmas frases, os mesmos insultos à inteligência, numa repetição ao mesmo tempo enfadonha e trágica?

Assisti hoje um dos VTs da farsa de sempre, montada dia após dia na frente do Palácio do Planalto, com a corja de histéricos fanatizados que berram frases de sintaxe quebrada apoizando o seu “mito” e ao lado os jornalistas insultados pelo vírus falante que os chama e as mídias que representam de “patifes” e “mentirosos”, ambas as partes – asseclas e jornalistas – contidos em seus chiqueirinhos como crianças de antigamente, que ficavam nestes cercados para serem contidos em seus movimentos.

Dia após dia vemos, em imagens fantasmagóricas, estas sombras de “povo” e “mídia” se moverem monotonamente nas mesmas performances de sempre (embora na aparência vociferem coisas ou façam perguntas diferentes todos os dias),

a terra é redonda

como os prisioneiros do empreendimento de Morel na novela, cuja aspiração é atingir a imortalidade. A de Messias, mais modestamente, mas como seu nome indica, é a de se aferrar ao Palácio do Planalto, que de conquista passou a ser sua tábua de salvação para evitar o opróbrio e a condenação por crimes... bem, mais de irresponsabilidades do que de responsabilidades...

E assim vamos singrando estes mares. Assistimos cenas fantásticas: os coveiros da democracia de ontem se transformam hoje em paladinos dela; os sacerdotes do mal que ajudaram a liberar a besta do apocalipse político que desarticula o Brasil e sacrifica seu povo no altar do vírus se transformam em vestais do templo republicano, clamando por equilíbrio e contenção por parte do paquiderme que soltaram na loja de porcelana... E há ainda a super-farsa chamada Donald Trump...

Para quem leu, e para quem lerá a novela, haja Morel para articular tudo isto!

Numa outra ponta, mas ligada ao nosso drama, revi *Os Deuses Malditos*, de Luchino Visconti, *La Caduta degli Dei*, em italiano, embora a língua original do filme seja o inglês, focado na história de uma família da aristocracia alemã, os Essenbeck.

Que filme soberbo! E o quanto ensina sobre nosso momento, embora lançado em 1969, há 51 anos, portanto.

Antes de entrar no mérito do enredo, quero assinalar as maravilhosas atuações: Helmut Berger abafa como o pérfido, ao mesmo tempo fraco e prepotente Martin Essenbeck; Ingrid Thulin dá um show de bola como Sophie, sua mãe dominadora e frágil; Dirk Bogarde desempenha o cúpido, venal, traiçoeiro atraído Friedrich Bruckmann, que tudo ambiciona; Reinhard Kolldehoff dá vida ao grotesco, beberrão e patético Konstantin von Essenbeck, membro das SA, que como tal, acabará assassinado pelos SS na "Noite dos Longos Punhais" (30 de junho - 01 de julho de 1934); Albrecht Schönhals atua breve mas brilhantemente como o patriarca da família, o Barão Joachim von Essenbeck, anti-nazista mais por desprezo em relação aos "arrivistas" do que por princípios democráticos; ainda Helmut Griem, que faz um sólido e pétreo Aschenbach, oficial SS que, no fundo, é quem comanda a ação, visando transformar a siderúrgica da família Essenbeck em indústria de guerra. Louvemos ainda a ponta da brasileira Florinda Bolkan, no papel da prostituta Olga, que veio a se tornar uma das eleitas de Visconti.

O filme, vagamente inspirado da história da família Krupp e no romance *Os Buddenbrook*, de Thomas Mann, expõe a completa degradação moral que toma conta da família e de pessoas que gravitam em torno dela, como é o caso de Bruckmann, amante de Sophie, nora do Barão, viúva de seu filho que é considerado um herói da Primeira Guerra Mundial.

Com a conivência de Sophie, Bruckmann assassina o velho Barão e joga a culpa em Herbert Thalmann (Umberto Orsini), o vice-presidente da siderúrgica, também antinazista e que se vê forçado a fugir para não ser preso pela Gestapo. O controle da empresa deveria passar para o grosseiro Konstantin, mas por influência de sua mãe o neto do Barão, Martin, entrega o comando executivo a Bruckmann, que tem ligação com o SS Aschenbach.

À medida que os Essenbeck e Bruckmann vão se embrulhando com o SS, a partir da morte do Barão, os assassinatos vão se sucedendo e a família vai se degradando moralmente, numa viagem sem retorno. A "lição" do enredo é que, dado o primeiro passo da degradação, os outros se tornam inevitáveis, como numa tragédia grega, até o momento final do filme, quando Martin, que pratica todas as perversões imagináveis, da pedofilia ao estupro da própria mãe, já vestido como o SS que se tornou, faz a saudação nazista diante de dois dos cadáveres que ajudou a semear. Nós, espectadores de "fora" do filme, sabemos que esta tragédia é apenas o prelúdio de outra maior, com cerca de 85 milhões de mortos em todos os continentes e a destruição de vários países.

O filme dá o que pensar, se projetarmos seu vaticínio, de que a perda da dimensão moral não tem limites depois de começada, sobre os chiqueirinhos do circo de horrores montado em frente ao Palácio do Planalto, onde convivem, lado a lado, sombras de pessoas que romperam relações com qualquer círculo da racionalidade e da ética, esbravejando impropérios e saudações fanáticas, diante de representantes de uma mídia que, na maior parte, também rompeu relações com a decência jornalística e agora colhe os insultos da monstruosidade que ajudaram a criar.

Igualmente, o farsante que ocupa a Casa Branca, em Washington, inventa todo tipo de mentiras para se aferrar ao poder que conquistou, com a conivência e a cumplicidade, além da de seus auxiliares diretos, que vai triturando em sua trajetória, de milhões de cidadãos que continuam acreditando nele e no "manifest destiny" de sua nação para dominar o mundo, agora em nome do "America First" a que Bolsonaro se curva e sem pudor quer fazer o Brasil se curvar.

a terra é redonda

A que tragédia maior estas farsas nos conduzirão? Já estamos nela: enquanto as farsas se desenrolam, os cadáveres vão se acumulando, a velhice e o futuro vão sendo pisoteados... junto com a razão.

Boa leitura, e bom filme! E os homens do futuro, quando pensarem em nós, que o façam com indulgência, como escreveu Brecht.

***Flávio Aguiar** é escritor, professor aposentado de literatura brasileira na USP e autor, entre outros livros, de *Crônicas do mundo ao revés* (Boitempo)

Referências

Adolfo Bioy Casares. *A invenção de Morel*. São Paulo, Cosac Naify

Os deuses malditos (La Caduta degli dei)

Itália, 1969, 156 minutos

Direção: Luchino Visconti

Elenco: Helmut Berger; Ingrid Thulin; Dirk Bogarde; Reinhard Kolldehoff; Albrecht Schönhals; Florinda Bolkan.